# Os argumentos da princesa - 30/11/2024

\_Acerca da conceituação dualista e problemas\*\*[i]\*\*\_  
  
O aristotélico Tomás de Aquino entendia a mente como algo que nos diferenciava  
dos animais, já que nos permitiria fazer abstrações e uso da vontade para  
controlar os apetites. Na modernidade, Descartes introduziu grande mudança na  
concepção de mente, pois passou a valorizar a introspecção, que já havia sido  
abordada por Agostinho, mil anos antes. Poderíamos olhar para dentro de nossa  
mente e enxergar visões, ter dores, prazeres, enfim, a experiência humana não  
seria reduzida nem ao material nem ao racional.  
  
A sensação era tomada como algo da ordem do mental, um tipo de sensação  
autêntica além do corpo mecânico. Nos animais faltaria a consciência para, por  
exemplo, sentir uma dor consciente. O mundo, então, estimularia um corpo e  
ativaria estímulos interpretados pelo aparelho cognitivo animal ou por uma  
câmera de vídeo, conforme exemplo de Vitor Lima. Mas a câmera “sente”?  
Evidentemente não, então agrega-se uma consciência e passamos para uma  
sensação consciente nos humanos, mas não nos animais. Houve um deslocamento da  
racionalidade da mente para a consciência e esse aspecto continua em  
perspectiva até hoje, haja visto que é exatamente o que falta para a  
inteligência artificial. Contudo, resumindo o argumento, é a consciência que  
nos distingue dos animais, segundo Descartes[ii].  
  
Relembremos, a partir da dúvida hiperbólica Descartes chega no "eu penso", mas  
o que é esse “eu” que existe, que pensa? Nesse sentido, retomando a anatomia  
da alma, o “eu” pensa, nega, quer, imagina e sente. Vitor ressalta que o  
pensamento cartesiano abrange intelecto, volição, sensação e emoção, quer  
dizer, tudo o que está dentro de nós (introspectivamente falando) e do que  
somos conscientes.  
  
Lembremos que o intelecto de Aquino apreendia algo não complexo e que algo é  
ou não outra coisa, pela composição ou divisão. Em Descartes, tudo vira atos  
de pensamento, seja pela concepção de ideias, como um ato intelectual, pensar  
ideias claras e distintas, seja pela articulação de ideias como ato volitivo,  
que é compor ideias (“2 + 2 = 4 \*\*é verdadeiro\*\* ”). Então, há o intelecto  
como faculdade de conhecer e a vontade como faculdade de escolher. É a vontade  
que trata com a realidade, no âmbito da ação, da omissão ou dúvida. Exceto  
percepções claras e distintas, das quais não se pode duvidar.  
  
A ideia clara e distinta distintiva para Descartes é o “penso, existo”, que é  
uma resposta para o cético que duvida que se possa chegar ao conhecimento.  
Interessante notar o que Vitor reforça: quando Descartes duvida de tudo, mesmo  
que ele duvide do pensamento, essa dúvida reforça o pensamento, já que a  
dúvida é um pensamento. Aí a vontade precisa comprovar que isso é verdadeiro.  
  
Sobre o dualismo, Vitor mostra que, uma que vez que compreendamos duas coisas,  
uma sem a outra, clara e distintamente, elas são separadas, mesmo que seja por  
Deus. Se concebemos corpo e mente como separados, então eles existem  
separadamente. Isso é dado na filosofia cartesiana que considera nossa  
essência uma coisa pensante, não corporal. No limite, nosso pensamento poderia  
ser transferido para algum outro lugar que não o cérebro. Seria possível  
\_conceber\_ o nosso pensamento executando em uma máquina.  
  
Como contingentemente somos compostos por mente e corpo, torna-se ponto  
vulnerável explicar como eles, com diferentes naturezas, se comunicam. Esse  
ponto é que será questionado pela princesa Elizabeth da Bohemia: como a alma,  
sendo pensante, pode determinar ações voluntarias? Movimento requer contato  
físico e extensão, coisas que a alma não é, se considerada imaterial.  
  
Se há relação entre pensamento e cérebro, e isso pode ser comprovado pela  
neurociência atualmente, não é possível ver pensamentos no cérebro, só  
sinapses. Coisa material e coisa pensante tem atributos opostos, uma tem lugar  
no espaço e a outra não, se uma se divide, a outra é indivisível, para uma há  
leis físicas e para a outra há leis racionais e, por fim, uma se conhece pelos  
sentidos e a outra pela introspecção. Os pensamentos, como a ideia de beleza,  
existem mas não estão no cérebro, já diria Platão. O medo não pode ser tocado,  
mas é percebido. Uma mão se mexe por um impulso nervoso oriundo de alguma  
substância física, mas resta saber o que a originou, por outro lado.  
  
Eis a pertinência da pergunta da princesa, como duas coisas quase opostas se  
relacionam? É o desafio do dualista, é o erro de categoria tratado por Ryle.  
Descartes propôs que a interação se daria pela glândula pineal que ainda está  
na esfera material, então a questão ficou sem resposta. Mas sua grande  
contribuição é a conceituação da consciência, que nos atinge até hoje.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Conforme [https://youtu.be/PBgONHORXZI](https://youtu.be/PBgONHORXZI), em  
21/11/2024. \_Filosofia da Mente: alma na Filosofia Moderna (Parte 1)\_ , canal  
Isto não é Filosofia. Este curso explora o tema da mente, dividindo-se em três  
abordagens distintas: histórica, problemática e temática. O objetivo é  
fornecer uma visão aprofundada dos conceitos filosóficos que envolvem a mente,  
suas relações com o corpo, a inteligência artificial e o livre-arbítrio. O  
Módulo 1 aborda o desenvolvimento histórico da concepção de mente e alma,  
desde os filósofos antigos até o pensamento contemporâneo, destacando a  
evolução das ideias ao longo dos séculos. O Módulo 2 examina as questões  
problemáticas que surgem na relação entre mente e cérebro, explorando as  
diferentes teorias que tentam explicar essa relação, como o materialismo, o  
dualismo e o funcionalismo. Finalmente, no Módulo 3, o curso adota uma  
abordagem temática, dividindo-se em dois tópicos centrais: inteligência  
artificial e livre-arbítrio. Embora distintos, esses temas são fundamentais  
para compreender os desafios filosóficos atuais. A parte sobre inteligência  
artificial aborda as implicações da tecnologia no entendimento da mente,  
enquanto o tema do livre-arbítrio explora as discussões filosóficas sobre a  
autonomia humana. Ao todo, o curso conta com 23 aulas distribuídas ao longo de  
6 meses, proporcionando uma análise profunda e abrangente dos debates  
filosóficos sobre a mente e suas implicações na era moderna.  
  
[ii] Porém, esse âmbito do mental, isto é, da consciência, só é acessível  
individualmente, como já tratamos aqui no espaço do blog em outros textos, por  
exemplo em “Haveria independência entre a mente e o comportamento?\*”  
[https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2016/02/haveria-independencia-entre-  
mente-e-o.html](https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2016/02/haveria-  
independencia-entre-mente-e-o.html). Assim, o acesso direto é só de primeira  
pessoa e não há garantia do acesso a outras mentes, levantando um problema  
epistemológico.